

Pathos e ethos na mídia de opinião sobre sexualização de atletas olímpicas

Pathos and ethos in opinion media about the sexualization of Olympic athletes

Maria Isabel Fernandes Bezerra¹

Sílvia Augusta de Barros Albert²

Resumo: Neste estudo, investigamos um artigo de opinião publicado no portal *UOL* sobre a manifestação das ginastas alemãs contra a erotização nos uniformes nas Olimpíadas de Tóquio, com as ferramentas metodológicas da análise dialógica do discurso e da análise retórica para entender o tema da sexualização de atletas na mídia. O posicionamento das ginastas foi marcante na história do evento esportivo porque se somou às vozes de outros atletas que defenderam o direito de se expor politicamente frente ao Comitê Olímpico Internacional, conforme estudos de Backes (2023) e Fornari (2022). Esse movimento resultou na alteração da Carta Olímpica, que proibia qualquer tipo de protesto nos pódios e demais áreas oficiais. O artigo se inicia com uma breve retrospectiva de manifestações políticas em Olimpíadas e nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020. Em seguida, sintetizamos os artigos científicos que analisaram a sexualização de atletas na mídia. Por fim, analisamos o artigo de opinião sobre a manifestação contra a sexualização em Tóquio 2020 com apoio da visão dialógica para os conceitos retóricos de *ethos* e de *pathos*. Nas considerações finais, discorremos sobre a percepção da sexualização pelo jornalismo opinativo.

Palavras-chave: Dialogismo. Retórica. Artigo de opinião. Sexualização. Atletas olímpicas.

Abstract: In this study, we investigate an opinion article published on the *UOL* portal about the German gymnasts' protest against the sexualization of uniforms at the Tokyo Olympics, using the methodological tools of dialogical discourse analysis and rhetorical analysis to understand the theme of the sexualization of athletes in the media. The gymnasts' stance was significant in the history of the sporting event because it joined the voices of other athletes who defended the right to express themselves politically before the International Olympic Committee, according to studies by Backes (2023) and Fornari (2022). This movement resulted in the amendment of the Olympic Charter, which prohibited any type of protest on the podiums and other official areas. The article begins with a brief retrospective of political demonstrations in the Olympics and at the Tokyo 2020 Olympic Games. Next, we summarize the scientific articles that analyzed the sexualization of athletes in the media. Finally, we analyze the opinion article on the protest against sexualization at Tokyo 2020, supported by a dialogical view of the rhetorical concepts of *ethos* and *pathos*. In the final considerations, we discuss.

Keywords: Dialogism. Rhetoric. Opinion journalism. Sexualization. Olympic athletes.

¹ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes, Departamento de Língua Portuguesa, São Paulo, SP, Brasil. Endereço eletrônico: 123bebel@gmail.com

² Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes, Departamento de Língua Portuguesa, São Paulo, SP, Brasil. Endereço eletrônico: silvia.augusta.albert@gmail.com

Dialogismo e retórica no jornalismo de opinião

O gênero jornalístico artigo de opinião não é a divulgação de um fato, como a notícia, ou seu aprofundamento, como a reportagem, mas uma resposta ao que já foi dito sobre um acontecimento. Essa dinâmica tem como foco o leitor, uma vez que o articulista expõe seu ponto de vista e o justifica com argumentos para persuadi-lo, muitas vezes, por meio da incorporação ao seu discurso de outras vozes que se pronunciam sobre o tema, o que pode incluir posicionamentos de grupos sociais específicos. Essa apropriação de vozes no texto permite ao autor construir seu *ethos*, ou seja, sua credibilidade e caráter. Ao selecionar e articular essas diferentes perspectivas, o articulista direciona a imagem que o leitor fará dele: um especialista no tema, um jornalista engajado ou uma voz representativa de um determinado grupo. Simultaneamente, essa gestão de vozes também serve à construção do *pathos*, o apelo emocional ao leitor. Ao evocar sentimentos como indignação, empatia ou esperança, o autor busca criar uma conexão emocional com seu público, tornando seus argumentos mais convincentes e mobilizadores.

Adotar a visão de linguagem do Círculo de Bakhtin para estudar o artigo de opinião envolve, portanto, conhecer o texto como enunciado concreto, além do conteúdo temático e do estilo da linguagem, analisando seu contexto de produção, circulação e recepção. Neste artigo, aproximamos dialogismo e retórica, na medida em que o conteúdo temático e a linguagem são relacionados à posição do autor (*ethos*) e à construção de efeitos no leitor (*pathos*).

A concepção de linguagem como produção do cotidiano, realizada em situações de comunicação entre dois enunciadore, permeia o conceito de enunciado concreto. Entender a linguagem como uma atividade dialógica pressupõe uma interação autor–interlocutor que ocorre num tempo e espaço específicos, ou seja, um enunciado está sempre vinculado a uma situação única, que não se repete. Essa interação é intrinsecamente ética e atravessada pela alteridade, que reconhece o outro não como um mero objeto a ser compreendido, mas como uma subjetividade completa e ativa. Ao definir o enunciado como unidade real da comunicação discursiva, Bakhtin (2010, p. 269) concebe a ligação entre enunciadore e interlocutor como um processo de produção, recepção e circulação que exige um ato responsável. Todo enunciado, portanto, não é um mero produto linguístico, mas um ato ético e existencial que implica a tomada de uma posição e uma resposta ativa em relação ao outro. Bakhtin (2010) propõe a coordenação do conceito de enunciado concreto ao conceito de campo da atividade humana, para definir gênero. Desse modo, conteúdo temático, estilo de linguagem e construção composicional estão interligados no enunciado, assim respondem à situação de comunicação, sempre mediados por essa relação de alteridade e pela necessidade de um agir responsável, sendo tal interdependência o que determina o ponto de vista discursivo formulado pelo Círculo de Bakhtin.

O enunciado concreto, como uma unidade real e única da comunicação, é o palco onde a construção do *ethos* e do *pathos* ocorre. A credibilidade de um autor (*ethos*), construída ativamente na situação concreta da comunicação, no caso do artigo de opinião, se sustenta no movimento discursivo de selecionar e articular vozes como argumentos, por meio dos quais o articulista molda a imagem de si mesmo para o leitor. O discurso, visto como a linguagem em sua manifestação viva, é o veículo que permite ao autor projetar uma imagem de si como um indivíduo confiável. O apelo emocional (*pathos*) é construído da interação fundamental entre o autor e o interlocutor. Ao incorporar diferentes vozes sociais ao seu discurso, o autor não apenas legitima sua posição, mas também evoca sentimentos e emoções no leitor. Essa interação dialógica permite ao articulista criar uma conexão emocional com seu público, mobilizando a afetividade do destinatário para maior adesão aos seus argumentos.

A perspectiva do Círculo de Bakhtin sobre a linguagem como um evento ético transforma a persuasão retórica em um ato responsável. O articulista, ao produzir um enunciado, não está apenas adotando perspectivas retóricas, mas tomando uma posição ética frente ao outro. A construção do *ethos* (credibilidade) e a evocação do *pathos* (emoção) não podem ser vistas unicamente como meios persuasivos, pois estão ligadas à responsabilidade do autor em sua relação com a alteridade. A credibilidade e a emoção são elementos de um ato ético, no qual o autor deve estar consciente das implicações de suas palavras e dos efeitos que causa no interlocutor.

Manifestações políticas em Jogos Olímpicos

Apesar de os Jogos Olímpicos estarem associados aos ideais de respeito, solidariedade e paz entre as nações, a política é um valor importante tanto quanto o desempenho dos atletas nos esportes olímpicos, dados a dimensão e o caráter mundial do evento. Sete das dez maiores economias mundiais estão entre os dez melhores resultados no quadro geral de medalhas, confirmando a forte correlação entre poder econômico, político e resultados de excelência nos esportes (Bertussi, 2015, p.11).

O Comitê Olímpico Internacional (COI), como organismo privado, tem que negociar a autonomia de suas regras em cada país. Por um lado, os Jogos são uma referência ética da humanidade, fundamentados em valores como o espírito de competição justa, o respeito ao adversário, o sentimento nacional não-bélico. Por outro, são uma fundação multinacional privada, gerida de forma autocrática por uma pessoa, com autonomia dos comitês olímpicos locais em relação aos governos. Com sede na Suíça, o COI mantém os comitês subordinados apenas a ele, livres da influência das instituições de cada país. Se os governantes interferem no Comitê, o país é suspenso e afastado da comunidade olímpica.

As Olimpíadas, além de serem o principal evento esportivo mundial, são um palco para

manifestações políticas dos atletas e reflexo das relações internacionais. As competições representam um acontecimento em que as nações podem demonstrar poder, valores e ideologias. A escolha de atletas, as bandeiras, os hinos e as cerimônias de abertura e encerramento são veículos de mensagens ideológicas e culturais que podem ser usadas para fortalecer identidades nacionais ou promover posicionamentos específicos. Pelo tamanho e relevância, os Jogos Olímpicos tornaram-se um espaço para recorrentes manifestações políticas que marcaram a história, mesmo que o Comitê Olímpico Internacional (COI) tenha proibido qualquer tipo de protesto ou propaganda de cunho político, religioso ou racial nas áreas dos Jogos até 2021.

O uso do espaço público dos Jogos Olímpicos como expressão política por parte dos atletas teve como marco o ano de 1968, nas Olimpíadas do México, quando dois velocistas dos Estados Unidos, Tommie Smith e John Carlos, no pódio, retiraram seus calçados e, com luvas negras e punhos cerrados, abaixaram suas cabeças e não direcionaram o olhar para a bandeira estadunidense, durante a execução do hino do seu país, em alusão ao gesto característico dos Panteras Negras, grupo político mais relevante na defesa dos direitos civis dos negros nos EUA, como forma de protesto. Esse foi um dos gestos simbólicos mais marcantes da história dos Jogos Olímpicos. As autoridades olímpicas dos Estados Unidos, sob pressão do COI, suspenderam os medalhistas e os mandaram de volta para casa.

No mesmo ano, a ginasta da Tchecoslováquia, Věra Čáslavská, que recebeu quatro medalhas de ouro e duas de prata, virou o rosto diante da bandeira da União Soviética no pódio. À época, acabara de acontecer a chamada Primavera de Praga, série de protestos que, sob a liderança de Alexander Dubcek, tentavam construir um “socialismo com face humana” (Andrade, 1981, p.190) no país, em contraposição ao modelo centralizador, censor e ditatorial imposto pelos soviéticos. Não houve sanções de autoridades esportivas durante o evento, porém fora dos jogos, a atleta foi banida do mundo da ginástica olímpica em seu país.

Nos jogos seguintes, em 1972, em Munique, os atletas norte-americanos Vince Matthews e Wayne Collett se recusaram a seguir os protocolos de decoro no pódio durante a execução do hino dos Estados Unidos, após ganharem medalhas na corrida de 400 metros rasos. Em vez de ficar em posição de sentido, gesticularam, conversaram e deram as costas para a bandeira do país em protesto contra a desigualdade racial. Essas atitudes causaram indignação ao presidente do Comitê Olímpico Internacional (COI), Avery Brundage, que considerou o comportamento uma “desgraça para o Movimento Olímpico”. A dupla foi banida dos Jogos para sempre.

Em 2004, nas Olimpíadas de Atenas, o lutador de taekwondo brasileiro Diogo Silva, após luta que o colocou no quarto lugar na competição, repetiu, no tatame, o gesto da dupla Smith e Carlos, de 1968. O atleta não chegou a ser punido. Em 2016, nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, Feyisa Lilesa, na maratona, cruzou os braços após a linha de chegada, um

gesto feito pelo povo Oromo em protesto contra a repressão policial na Etiópia, o qual não resultou em punição pelas autoridades olímpicas durante os jogos. Apesar de o governo etíope ter assegurado que não o puniria e que seria recebido como um herói, Lilesa buscou asilo político e passou dois anos no exílio, primeiro no Brasil e depois nos Estados Unidos. Ele só retornou à Etiópia em 2019 após uma mudança política no país e recebeu um incentivo financeiro do governo.

Embora os Jogos Olímpicos sejam reconhecidos por marcarem união e paz, os exemplos citados expõem as complexidades políticas que perpassam o evento esportivo. As Olimpíadas, historicamente, tornaram-se um espaço para manifestações ideológicas, desde protestos individuais de atletas por direitos civis até boicotes liderados por nações. Mesmo com a flexibilização recente da Regra 50 do COI, que permite a expressão dos atletas em determinadas áreas, a história dos Jogos sublinha que a política sempre encontrará seu caminho para o pódio, reafirmando que o esporte é indissociável das dinâmicas sociais e políticas globais.

As tensões nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020

Os XXXII Jogos Olímpicos estavam agendados para o período de 24 de julho a 9 de agosto de 2020, porém, em 24 de março de 2020, foram adiados para 2021 em função dos efeitos da pandemia de Covid-19. Essa foi a primeira vez em que um evento olímpico foi adiado e ocorreu em um ano ímpar, ou seja, fora do ciclo olímpico. Mesmo com o adiamento, os Jogos mantiveram o nome “Tóquio 2020”.

Em 17 de maio de 2021, a Associação de Médicos de Tóquio publicou uma carta aberta pressionando o governo japonês a cancelar as Olimpíadas. No entanto, apesar do crescente movimento contrário, o Comitê Olímpico Internacional (COI) anunciou que os jogos aconteceriam, mesmo que Tóquio entrasse em estado de emergência. Devido às medidas de restrição, inicialmente, o COI decidiu que as competições não estariam abertas ao público estrangeiro, apenas a residentes da cidade. Em 21 de junho, ficou definido que os Jogos deveriam acontecer com apenas 50% da capacidade total das arenas e estádios e um limite de 10 mil pessoas por sede. No entanto, com o crescimento de casos da doença no Japão e a extensão do estado de emergência em Tóquio até o dia 22 de agosto, o comitê organizador anunciou, em 8 de julho, a realização dos Jogos sem a presença de espectadores pela primeira vez na história das Olimpíadas. No dia da abertura oficial, 23 de julho, centenas de manifestantes contrários à realização das Olimpíadas se reuniram no entorno do Estádio Olímpico de Tóquio e entraram em confronto com a polícia local.

As Olimpíadas de Tóquio foram marcadas não apenas por protestos motivados pelo receio da letalidade do coronavírus, mas também por manifestações de cunho político sobre questões raciais, de sexualidade e gênero. Mais de 150 atletas, acadêmicos e advogados se

reuniram em abaixo assinado contra o capítulo 50 do Código Olímpico, que proibia manifestações políticas em pódios, na Vila Olímpica, local de jogos e cerimônias oficiais. Dias antes do começo das Olimpíadas de Tóquio, o Comitê Olímpico Internacional (COI) modificou a regra. A partir de então, atletas podem fazer gestos nos campos, antes e depois de competições, no entanto, não podem fazê-lo no pódio durante a cerimônia das medalhas, na Vila Olímpica e cerimônias oficiais. Qualquer comunicado ou protesto exige aprovação de um grupo de trabalho que inclui, entre outros, o COI e a Federação Internacional do esporte em questão.

Antes da abertura dos Jogos de Tóquio 2020, em três jogos de futebol, os atletas se apoiaram em um dos joelhos antes dos inícios das partidas, fazendo o gesto antirracista que se notabilizou em outras competições, dois jogos de futebol feminino (Reino Unido contra Chile e EUA contra Suécia) e uma disputa de futebol masculino entre Austrália e Argentina. Durante a prova eliminatória da ginástica artística feminina, a costarriquenha Luciana Alvarado terminou sua apresentação de solo com um joelho no chão e um punho levantado no ar — outro símbolo do movimento negro americano, que repete o ato de 1968. O ato de ajoelhar-se como marca de oposição política teve origem em 2016, nos Estados Unidos, quando o jogador de futebol americano Colin Kaepernick abaixou-se com um joelho apoiado no campo durante o hino nacional e se recusou a cantá-lo em protesto contra o racismo e a opressão policial. Ele também usou meias que tinham imagens de policiais caracterizados como porcos durante os jogos. Aos poucos, a atitude de Kaepernick começou a inspirar outros jogadores, que também se ajoelhavam durante o hino. Nos Jogos Pan Americanos de Lima, em 2019, dois atletas norte-americanos se apoiaram em um joelho em um gesto semelhante: Race Imboden, da esgrima, e Gwen Berry, do arremesso de martelo.

A participação feminina nos Jogos Olímpicos, que começou com a proibição inicial do Barão de Coubertin em 1896 e avançou para a quase paridade de gênero em Tóquio 2020, com 49% de mulheres, representou um marco na luta pela igualdade de gênero e pelo empoderamento feminino. Vários foram os movimentos protagonizados por mulheres nessa edição dos jogos. A equipe australiana de futebol feminino levantou a bandeira aborígene, em vez da bandeira do país, antes de uma partida contra a Nova Zelândia, em gesto em apoio aos povos nativos. Ao receber a medalha de prata no arremesso de peso feminino, a atleta norte-americana Raven Saunders fez um gesto de protesto, cruzando os braços acima da cabeça. Saunders, que é negra e lésbica, disse que o símbolo representa o “cruzamento onde todas as pessoas oprimidas se encontram”, segundo noticiou o portal G1 em 2 de agosto de 2021.

A sexualização de uniformes já se delineava como um tema relevante para as mulheres esportistas antes mesmo do início das Olimpíadas. A primeira manifestação ocorreu no Campeonato Europeu e teve repercussão durante os Jogos Olímpicos. A equipe feminina

de handebol de praia da Noruega desafiou as regras que obrigavam as jogadoras a usar biquíni e optaram por um short, alegando que o biquíni as deixava expostas e desconfortáveis. A equipe foi multada em 1.500 euros pela Federação Europeia de Handebol. O debate sobre as regras de vestuário para atletas do sexo feminino ganhou impulso a partir desse acontecimento e voltou à tona no evento de Tóquio.

O estudo “Manifestações Políticas de Atletas no Palco dos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020: Cidadania Vs Mitologização”, de autoria de Doiara Silva dos Santos e Clarisse Silva Caetano, classificou as manifestações políticas de atletas em Tóquio segundo a forma de expressão usada nos atos de protesto. As pesquisadoras identificaram expressões sobre a indumentária esportiva em duas manifestações: atletas de ginástica rítmica desportiva do Azerbaijão utilizaram uniformes pretos e sem brilho em protesto contra conflitos políticos no país; as alemãs protestaram contra a erotização do corpo feminino na ginástica olímpica. A linguagem escolhida para o protesto contra a sexualização foi o uso de uma roupa chamada *unitard*, com mangas longas e pernas inteiras cobertas, no lugar dos tradicionais *collants*, para se apresentarem nas sessões classificatórias. As ginastas declararam que o gesto político teve a intenção de encorajar a liberdade de escolha quanto aos uniformes femininos (Santos; Caetano, 2021, p. 23).

Lucimara Fabiana Fornari, Rafaela Lourenço e Rosa Fonseca, no artigo “Mulheres atletas nas Olimpíadas de Tóquio 2020: olhares da imprensa escrita brasileira”, analisam a temática de notícias e fotografias de jornais de abrangência nacional. As pesquisadoras observaram que a ginástica olímpica foi o esporte mais noticiado, seguido do skate, futebol e vôlei. Conforme Fornari, Lourenço e Fonseca:

As reportagens mostram os Jogos como espaço privilegiado para o rompimento de padrões que acentuam a subalternidade feminina. Em Tóquio, por exemplo, destacaram-se as atletas alemãs da ginástica artística que vestiram uniformes que cobriam o corpo inteiro, em protesto à sexualização dos corpos femininos (Lourenço; Fonseca, 2022, p. 6).

Sexualização de atletas

A visibilidade das atletas com uso de uniformes curtos e justos, que expõem o corpo de maneira exagerada, torna a mulher objeto de espetáculo nesse espaço esportivo - que ainda é estigmatizado como “lugar de homens” - na tentativa de mostrar que a mulher, mesmo sendo atleta, é, acima de tudo, feminina, tornando-se alvo de sexualização.

O efeito erótico vem da união permitido/proibido e da superação da interdição pela transgressão, conforme George Bataille, no ensaio “O erotismo”, segundo o qual “O que é notável na interdição sexual é o fato de ela se revelar plenamente na transgressão” (Bataille, 1957 [2014], p. 168). A transgressão, por sua vez, nos faz vislumbrar os itens fundantes de nossa civilização, os quais, segundo Bataille, dizem respeito às duas interdições universais:

a morte e o sexo – ambos representantes da violência. O descontrole violento que o erotismo conjura o entrelaça à morte. Portanto, morte e erotismo devem ser ritualizados, devem ser domesticados de sua selvageria, ser interditados em nome da manutenção da vida humana.

Em outra perspectiva, cabe verificar como Judith Butler (1999, p.153) defende que tanto o corpo como o sexo “não são nunca, simplesmente, uma função de diferenças materiais que não sejam, de alguma forma, simultaneamente, marcadas e formadas por práticas discursivas”. No presente estudo, nos propomos a verificar as práticas discursivas da mídia esportiva de opinião quando comenta sobre os uniformes de atletas das modalidades femininas. Seria a mídia responsável por práticas discursivas que naturalizam a sexualização de atletas a serviço das permissões de federações esportivas ligadas ao Comitê Olímpico Internacional (COI) ou poderia ser o veículo das vozes de atletas que se contrapõem ao tema?

No universo esportivo feminino, uniformes e adereços, assim como movimentos sensuais, teriam sido implementados para evitar *estereótipos de lesbianismo* associados às atletas e para compensar o que viam como *falta de feminilidade*: o fato de serem tão fortes, rápidas e ágeis como os homens. A estadunidense Emily Wughalter (1978), em artigo intitulado “O pedido de desculpas feminino”, chama a atenção para movimentos que são pontuados na performance da ginástica olímpica, como a pose inicial e final, a obrigatoriedade de sorrir permanentemente durante as provas e o olhar voltado para o chão. A ginasta teria menos necessidade de se desculpar por participar do universo dos esportes do que atletas de outras modalidades, porque a ginástica já incorpora movimentos corporais considerados estereótipos da feminilidade, como dança, graça, charme e equilíbrio. Paralelamente, há um investimento excessivo em uniformes que reforçam a feminilidade a ponto de sexualizarem os corpos das atletas, *collants* justos e cavados, feitos de material sintético que não absorve o suor, cravejados de brilhantes, penteados e maquiagem. Outros cerceamentos incluem a contenção das emoções, como desapontamento ou raiva, a atenção aos gestos delicados em eventos públicos, e dar preferência a assuntos como família e vida pessoal do que habilidades e conquistas no esporte.

De acordo com a canadense Elizabeth Hardy (2014), o comportamento apologético feminino no esporte inclui qualquer ação que enfatize e ressalte a feminilidade de uma atleta. A atividade esportiva é associada à visão de que mulheres perdem a feminilidade e ganham atributos comumente ligados à masculinidade, como força e velocidade. O comportamento apologético vem se contrapor a esse viés, acentuando estereótipos de feminilidade às representações das atletas na mídia. Para as atletas, por sua vez, o comportamento apologético pode ser favorável, pois é mais fácil conseguir cobertura e contratos com marcas que as patrocinam quando se encaixam num corpo feminino normativo.

A leitura dos estudos precedentes indicou como caminho interpretativo a possibilidade de os meios de comunicação reforçarem as hierarquias de gênero nos esportes: atletas

devem ser valorizadas por características físicas, mais do que por seu desempenho nas modalidades esportivas. Para entender como a sexualização do corpo feminino em representações midiáticas sobre Jogos Olímpicos de Tóquio tem sido estudada, partimos de um levantamento, feito por meio do Google Acadêmico, sobre a temática por meio da associação dos marcadores “sexualização”, “atletas” e “jogos olímpicos de Tóquio”, que resultou na escolha de três artigos. Esses estudos confirmam o viés de sexualização ao analisar descrições das vestimentas e modos de nomeação das atletas. Demonstram, ainda, que os veículos de comunicação jornalística, em sua maioria, se limitam a relatar os fatos sem analisar as implicações relacionadas à sexualização de atletas, mesmo se tratando de manifestação declaradamente política por parte de suas participantes. Conforme afirma a jornalista Carolina Riveira (2024), seria necessário que os discursos midiáticos identificassem a sexualização e a analisassem à luz da historicidade dos combates à discriminação das mulheres tanto nos esportes como em outros campos.

Em artigo intitulado “Mídia e os protestos contra a sexualização nas Olimpíadas 2020”, Júlia Backes (2023) estudou publicações de quatro portais, três reportagens do G1, duas reportagens da *Folha de S. Paulo*, uma da *BBC Brasil* e duas reportagens da *CNN Brasil*, sobre o episódio referente aos uniformes das ginastas da equipe alemã, comparando títulos, autoria, termos relacionados às mulheres e depoimentos. A pesquisadora concluiu que, apesar de os textos terem sido assinados por mulheres, apenas *Folha* e *BBC Brasil* fizeram menções à historicidade e a termos dos movimentos feministas associados às ações das ginastas.

Na investigação “Gênero feminino, corpo e sexualidade no esporte: os uniformes das atletas nas Olimpíadas de Tóquio”, Tarcyanie Santos, Georgia Mattos, Felipe Lopes e Murilo Marcelo, da Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo, analisaram 20 matérias jornalísticas publicadas em três portais de notícias, *UOL*, *G1* e *R7*, para investigar como a mídia aborda relações de gênero no universo esportivo, com o referencial teórico dos Estudos Críticos do Discurso. Os pesquisadores verificaram as formas de nomeação das atletas, a descrição dos uniformes e as fontes consultadas nas notícias. A conclusão aponta para o fato de que “a manutenção das relações de dominação masculina na esfera esportiva se apresenta de diversos modos, podendo ser percebida no uso de vestimentas, como os uniformes femininos (Santos; Mattos; Lopes; Marcelo, 2024, p. 237).”

Gabriela Maia e Célia Fernandes, no estudo “História, memória e atualidade: ecos sobre o corpo da mulher no esporte” (2024), investigaram, no site da revista *Exame*, a notícia intitulada “Jogadoras da Noruega são multadas por não aceitar o uniforme biquíni”, de 22 de julho de 2021, de Carolina Riveira. O texto investiga o episódio sobre o uniforme da seleção norueguesa de handebol durante o campeonato europeu de 2021, a fim de verificar quais memórias ressoam sobre a mulher e seu corpo no discurso jornalístico na perspectiva da

teoria materialista do discurso, de Michel Pêcheux. A matéria trata da multa aplicada à seleção depois que as próprias atletas substituíram os tradicionais biquínis por uniformes mais confortáveis sem informar ou pedir autorização à Confederação Internacional de Handebol. “Desse modo, para compreender os sentidos produzidos pela notícia que circulou no site da revista *Exame* sobre as atletas de handebol da seleção da Noruega, é necessário buscar, na exterioridade, a história das lutas e conquistas femininas ao longo dos tempos (Maia; Fernandes, 2024, p. 221)”, explicam as pesquisadoras. Os leitores precisariam recorrer à memória das manifestações de resistência das mulheres ao longo da história para interpretar e compreender o fato como um ato de posicionamento contra a sexualização da mulher no esporte.

A associação entre os termos “erotização”, “atletas” e “jogos olímpicos de Tóquio”, no Google Acadêmico, apresentou o artigo de Silvana Goellner, “Jogos olímpicos: a generificação de corpos dissonantes” (2016), no qual a pesquisadora, da área de Educação Física, da UFRS, discorre sobre a dificuldade de aceitação da participação da mulher nos esportes. Em relação às Olimpíadas, Goellner compilou o número de mulheres atletas desde a primeira participação em 1900, o qual foi de 16 mulheres, a 40% do total de esportistas, em 2004. Em Tóquio 2020, o número de mulheres alcançou a marca de 48,8%, quase a metade do total de atletas.

Goellner ressalta que “o aumento excessivo da massa muscular das atletas é censurado por ser destituído de graça e harmonia”, atributos físicos associados à feminilidade normalizada, visão estereotipada do corpo feminino cuja produção se dá pela reiteração de práticas, condutas e gestualidades (2016, p. 32). Cabe observar que a feminilidade não é um dado natural, mas produzida por “múltiplas instâncias sociais e culturais: postas em ação pelas famílias, pelas escolas, pelas igrejas, pelas leis, pela mídia ou pelos médicos, com o propósito de armar e rearmar as normas que regulam os gêneros e as sexualidades”, conforme Judith Butler (1997). Sendo assim, corpos que desviam da ordem de gênero são alvo de políticas regulatórias que buscam corrigir o que parece estar fora da norma. No que concerne ao gênero, Goellner conclui que são apenas as mulheres que vivenciam constrangimentos, humilhações e interdições em função da suposta falta de adequação de seus corpos, considerando que a normatividade não é aplicada aos corpos masculinos heteronormativos.

Representações midiáticas sobre a manifestação contra a sexualização em Tóquio

O discurso midiático ocupa papel importante na construção de representações sobre gênero no esporte, que são, desse modo, naturalizadas pelo público, pela repetição de modos de nomear, descrever, avaliar, em textos e imagens, que reiteram e validam como adequados ou inadequados formas, gestos, posturas, movimentos e vestimentas femininas. Todavia, ao

mesmo tempo em que os meios de comunicação reproduzem discursos legitimadores de gênero no ambiente esportivo, eles podem flexibilizar esses limites, conforme aponta Gregolin, “Há uma tensa relação entre mídia e público, os indivíduos vivem essa subjetividade tensivamente. Se só houvesse submissão, não haveria produção de novos sentidos” (Gregolin, 2007, p. 23).

A análise proposta no presente artigo tem como objetivo verificar as formas de *ethos* e *pathos* empregadas como argumentos em textos opinativos sobre manifestações de atletas contra a sexualização de seus corpos. Com o recorte específico da cobertura jornalística dos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020, foi delimitado o mês de julho de 2021 como período de busca sobre publicações nas mídias jornalísticas a respeito da manifestação das ginastas alemãs. No portal *Terra*, a notícia “Ginastas alemãs trocam *collant* por calça no treino das Olimpíadas de Tóquio”, sem identificação de autoria, foi publicada em 22 de julho. No dia seguinte, 23 de julho, o mesmo portal publicou a reportagem de Gabrielle Tetrault-Farber intitulada “Ginastas alemãs marcam posição com uniformes que cobrem todo corpo em Tóquio”. No portal *R7*, da Rede Record, o fato foi abordado em uma reportagem de Hyla Conrado, também em 22 de julho, “Ginastas alemãs dispensam *collant* e usam calças por ‘direito de decidir’”. O site *Jovem Pan* publicou notícia, em 22 de julho, com o título “Tóquio 2020: Delegação feminina de ginástica da Alemanha usa macacão de corpo inteiro em treino”. Já o portal *G1* reproduziu notícia da agência *Reuters*, de 23 de julho, “Ginastas alemãs marcam posição com uniformes que cobrem todo corpo em Tóquio”. O canal *GE*, da Globo, publicou, em 25 de julho, reportagem sem autoria, “Ginastas alemãs escolhem roupas de corpo inteiro por conforto e contra a sexualização do esporte”. No portal da rede *CNN*, em 26 de julho, o protesto foi noticiado com o título “Olimpíadas: contra sexualização, ginastas alemãs usam roupas de corpo inteiro”.

A leitura das matérias informativas levou à escolha do artigo de opinião, considerando o fato de que é um gênero jornalístico predominantemente argumentativo, assinado pelo autor, em que se elaboram reflexões sobre acontecimentos a partir de uma perspectiva crítica, nesse caso, uma visão que estabelece valor a respeito da manifestação contra a sensualização de atletas olímpicas. Entre as mídias levantadas, os únicos veículos que publicaram artigos de opinião no período foram o portal brasileiro *UOL*, em 22 de julho, com o artigo “Contra sexualização, ginastas alemãs abandonam *collants* e usam calças”, do colunista Demétrio Vecchioli (2021), e, em 25 de julho de 2021, o jornal espanhol *El país* publicou o artigo de Begoña Urzaiz, “Sexualização ou empoderamento? A patrulha de como as atletas se vestem volta aos Jogos Olímpicos”.

Segundo Bakhtin e os demais pensadores do Círculo, a língua não é um sistema abstrato de formas linguísticas nem expressão individual do sujeito, ela se realiza em situações de interação. A ideia de interação expressa-se pelo conceito de dialogismo em dois

planos: um que diz respeito às relações entre o eu e o outro nos processos discursivos historicamente situados; e outro, mais amplo, que se refere "ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade" (Brait, 2005, p. 94).

Com o apoio da Retórica, buscamos entender os caminhos que a linguagem percorre a partir de proposições argumentativas para levar o público (auditório) a uma conclusão que considere verossímil e que se ajuste aos seus próprios valores. Para persuadir, aquele que comunica, o orador, precisa reunir provas retóricas (argumentos), que se expressam por meio do *ethos* do orador, ou seja, a imagem de si construída pelo discurso; de como o discurso mobiliza emoções do auditório ou *pathos* e como o discurso dispõe de raciocínios lógicos ou *logos*. A força argumentativa e persuasiva da linguagem, de sua capacidade de atingir o auditório pela articulação verossímil, desperta a confiança e a credibilidade no auditório.

O artigo escolhido para a análise foi o do portal *UOL*, intitulado "Contra sexualização, ginastas alemãs abandonam collants e usam calças", do colunista Demétrio Vecchioli (2021), publicado no mesmo dia do acontecimento, por ser de um veículo brasileiro. No título, as atletas são nomeadas por sua especialidade esportiva – ginastas – e pela nacionalidade – alemãs. Ao longo do artigo, a retomada do referente "ginastas alemãs" se fez com o hiperônimo "atletas da Alemanha", o pronome pessoal "elas" e o possessivo "seus" no primeiro parágrafo; com a repetição do pronome pessoal no oitavo parágrafo. Há repetição de "as alemãs" no segundo parágrafo e "a ginasta" no quarto parágrafo, "a mesma ginasta" no parágrafo 7º. Nos parágrafos 4º e 5º, o jornalista opta por nomeá-las com substantivos próprios: Pauline Schafer, Sarah Voss, Kim Bui e Elisabeth Steiz, retomando o sobrenome Voss no sexto parágrafo. Por fim, no oitavo parágrafo, emprega o hiperônimo "as atletas". Vecchioli (2021) emprega termos ligados à modalidade esportiva, "ginástica olímpica", e à nacionalidade das atletas, além de individualizá-las por meio dos nomes próprios, o que indica um viés profissional na referência, sem identificá-las pelo gênero.

O ato realizado pelas ginastas não foi nomeado de modo que indicasse seu perfil político no título. O colunista usou a preposição "contra" associada à palavra "sexualização" para marcar o objeto da ação. O verbo "abandonar" no presente do indicativo, como é usual em títulos de textos jornalísticos, dá a entender que as ginastas não usarão mais os collants, o que não foi a intenção declarada pelas atletas alemãs no texto. As palavras "collant" e "calça", que aparecem como metonímia, parecem colocar em polos opostos uma vestimenta mais comum entre pessoas que se identificam com o feminino e uma vestimenta mais usual em pessoas que se identificam com o masculino. Na história da moda, o uso de calças pelas mulheres foi uma conquista gradual, muitas vezes associada à masculinização, já que as calças eram uma peça exclusiva do vestuário masculino.

O uniforme usado como manifestação foi chamado por "calças", "calças que cobrem

as pernas até o tornozelo", "vestimentas de corpo inteiro", "full-body suit" e "a roupa de corpo todo" pelo articulista. A descrição dos uniformes tradicionais foi feita com os termos "collants", "tradicionais collants que deixam a maior parte dos seus corpos expostos", "collants cavados na virilha". Observa-se a relação semântica de oposição entre os adjetivos "inteiro"/"todo" e "cavados"/"expostos" criada pelo colunista.

A referência à manifestação, no primeiro parágrafo, teve o verbo "protagonizar", do campo da literatura, que indica o personagem principal, associação que dá destaque à realização das atletas. O jornalista se referiu ao acontecimento como "um momento para a história da modalidade e dos Jogos Olímpicos" e "fato inédito", que trazem o sentido de importância pelo ineditismo. No primeiro parágrafo, há também a expressão "forma de protesto" ao lado de "posicionamento político", no parágrafo 2º, que acentuam o caráter político. No parágrafo 5º, a retomada teve a expressão "a iniciativa de competir com pernas, nádegas e virilha cobertas" e, no parágrafo 8º, o autor cita as palavras da Federação Alemã: "[...] elas estavam se posicionando contra 'a sexualização na ginástica'", indicando a causa da manifestação, endossada pela instituição da modalidade esportiva.

O colunista optou por incluir depoimentos em citação direta, o que é característico da linguagem da reportagem e da notícia. Há uma declaração da ginasta Pauline Schafer ao *UOL Esporte*; uma citação intertextual de um post e de uma fotografia no Instagram da ginasta Sarah Voss e uma citação retirada de entrevista dessa atleta à *Agência Reuters*. O ato discursivo de incluir as falas das ginastas e da agência de notícias no artigo de opinião é, em sua essência, um ato dialógico. O colunista não apenas expõe seu ponto de vista, mas o constrói em diálogo com as vozes de outros. Essas vozes, no caso as das ginastas e das citações de outras mídias, trazem consigo diferentes entonações e perspectivas. A fala de Pauline Schafer ao *UOL Esporte*, a citação do Instagram de Sarah Voss e a entrevista à Agência Reuters representam vozes sociais específicas: a atleta em sua experiência pessoal, a atleta em sua manifestação nas redes sociais (com suas implicações de alcance e engajamento), e a representação de sua fala pela grande imprensa internacional, o que direciona a leitura do artigo de Vecchioli (2021) para o reconhecimento da credibilidade das atletas, de modo a reforçar seu ethos. O artigo de opinião se torna um espaço polifônico, no qual múltiplas vozes (a do colunista, das ginastas, das outras mídias citadas) se encontram e interagem. Essa intersecção de vozes enriquece o debate e mostra a complexidade do tema abordado. O colunista não se apresenta como o único detentor do saber ou da verdade sobre o assunto. Ao dar espaço às vozes das ginastas, ele reconhece a legitimidade e a importância da perspectiva do "outro" – as atletas que vivenciam diretamente a questão da sexualização nos uniformes. Essa prática de citação direta revela que o colunista está engajado em um diálogo com consciências alheias, permitindo que a voz do outro se manifeste, mesmo que mediada pela sua própria escrita. Isso contribui para uma análise mais rica e multifacetada do

tema, reconhecendo que o sentido é sempre fruto da interação e da confrontação de diferentes pontos de vista.

Contexto de produção, circulação e recepção como contexto retórico

O contexto retórico é o espaço em que um discurso é elaborado, apresentado e recebido, ou seja, abrange os três elementos do contexto de acordo com a perspectiva da análise dialógica. Ele inclui uma variedade de fatores que podem influenciar os sentidos do discurso, por isso a necessidade de indagar, “quem fala, a quem fala, quando fala, por que fala, contra o que e como fala” (Ferreira, 2010, p. 53). Isso porque os elementos internos do discurso são construídos e articulados intencionalmente para delinear o caráter do orador e influenciar o auditório por meio do movimento das paixões, considerando que ambos se inserem no contexto que emoldura o discurso.

O modo como o discurso é elaborado pode ser desvendado por meio da sua elocução, que expressa a disposição e a invenção dos argumentos. Nessa etapa, “a linguagem fica sob a regência da lógica, da gramática, da estilística, do dicionário e da estética” (Tringali, 2014, p. 172), com o objetivo de torná-lo eloquente para que o propósito persuasivo seja alcançado.

O artigo de opinião é um discurso jornalístico de gênero retórico deliberativo, que apresenta o posicionamento do autor sobre um acontecimento geralmente polêmico. De acordo com Ferreira (2020, p. 11), o auditório “precisa refletir sobre dois pólos significativos: o útil e o nocivo”, em torno de uma questão de ordem pública, que trará consequências futuras.

O tema do artigo foi a manifestação das ginastas da equipe alemã, em 22 de julho de 2021, em defesa da liberdade de usarem as vestimentas que escolherem, o que, de acordo com as palavras de Sarah Voss, revela “A possibilidade de autodeterminação quanto à escolha das roupas nos dará ainda mais forças no futuro”. Segundo Campbell, Huxman e Burkholder (2015, p. 92), é uma questão política que envolve uma linha de ação sobre o que se deve ou não fazer, que se localiza em torno da necessidade de alterar uma política atual, que pode ser prejudicial, no caso às atletas, que devem usar vestimentas desconfortáveis, que expõem partes vulneráveis do corpo.

O discurso retórico do artigo apresenta uma questão geral subentendida - seriam as atletas alvo de sexualização – e uma questão específica – uniformes esportivos são meios de sensualização de atletas –, que orientam a direção argumentativa que buscará persuadir os leitores do UOL.

Na obra *Retórica*, de Aristóteles, a *eudaimonia*, que pode ser traduzida como “felicidade”, “bem-viver” ou “florescimento humano”, funciona como um fundamento para a argumentação persuasiva. Diferente da felicidade como prazer momentâneo, a *eudaimonia*, para o filósofo grego, é um fim em si mesmo, o bem supremo que todos os seres humanos almejam. Ela se relaciona com uma vida vivida de acordo com a virtude e a razão, permitindo

a plena realização das potencialidades humanas. O colunista Demétrio Vecchioli (2021) emprega o princípio da *eudaimonia* ao defender a liberdade e o bem-estar das atletas. Ao dar voz às ginastas, que se sentem sexualizadas e desconfortáveis com os uniformes, ele apela para o conceito de que o florescimento e a felicidade dessas atletas, e por extensão de todas as mulheres no esporte, só podem ser alcançados se elas puderem viver e competir com dignidade, conforto e autonomia. A argumentação, portanto, não se limita a uma crítica superficial aos uniformes, mas se eleva a uma defesa mais ampla do direito das mulheres no esporte de alcançar seu bem-estar completo, sua *eudaimonia*, sem serem objetificadas. A exposição de sua voz é o instrumento retórico que legitima essa busca.

Para Bakhtin, todo enunciado é um ato responsável, ou seja, um evento ético e existencial em que o sujeito que enuncia assume uma posição diante do outro. Quando o colunista Demétrio Vecchioli (2021), em sua argumentação baseada na *eudaimonia*, decide expor o posicionamento das ginastas por meio de citações diretas, ele está realizando um ato responsável. O colunista não se limita a expor uma visão abstrata ou genérica sobre a sexualização. Ao invés disso, ele assume a responsabilidade de ouvir e reproduzir a perspectiva das ginastas que são diretamente afetadas pela questão. Essa escolha discursiva demonstra que a discussão não pode ser meramente teórica, mas deve ser fundamentada na experiência vivida e nas vozes concretas das pessoas envolvidas. A opção de citar as próprias atletas é um ato responsável porque confere a elas a agência de falar por si mesmas e ter sua experiência reconhecida publicamente por meio da mídia, o que é fundamental para a ética bakhtiniana da alteridade. Ao fazer isso, o colunista assume a responsabilidade de ser um mediador que busca contribuir para a construção da opinião pública, e não o dono da verdade.

A construção do *ethos*

De acordo com Perelman-Tyteca (2014, p. 22), o auditório é uma construção do orador, o conjunto daqueles a quem o orador quer influenciar com sua argumentação. Nesse artigo de opinião, o orador pretende persuadir um auditório particular, se dirige ao auditório do portal *UOL*, leitores que se interessam por esportes e que acompanham os Jogos Olímpicos. No entanto, seu discurso pode alcançar um auditório particular, fora do âmbito dos esportes, pessoas que se conectam à defesa dos direitos das mulheres e atletas que se incomodam com a sexualização no ambiente esportivo.

De acordo com Aristóteles, o *ethos* está inscrito no ato de enunciação. O orador deve mostrar seus traços de personalidade ao auditório para causar boa impressão. Do mesmo modo, o linguista Oswald Ducrot afirma que "é enquanto fonte da enunciação que ele [o locutor] se vê transvestido de certos caracteres que tornam sua enunciação aceitável ou refutável" (2005, p.138), ou seja, para Ducrot, o *ethos*, ao ser construído pelo discurso, no ato

de enunciação, é também elemento discursivo. Já Isócrates e Cícero veem o *ethos* como preexistente ao discurso, pois o orador que parece ser mais virtuoso, sincero e amável é de fato virtuoso, sincero e amável.

A posição de Dominique Maingueneau, citada por Charaudeau (2005, p.140), parte da perspectiva de Aristóteles e Ducrot de que "o *ethos* está ligado ao exercício da palavra, ao papel a que corresponde o discurso do enunciador, e não ao indivíduo real". No entanto, o *ethos*, enquanto imagem que se liga àquele que fala, não é propriedade exclusiva dele. É antes de tudo a imagem do locutor, ou do orador, conforme Aristóteles, a partir daquilo que diz. Seria esse cruzamento de olhares, em que o olhar do outro sobre aquele que fala se encontra com o olhar daquele que fala sobre como ele pensa que o outro o vê.

Assim, Charaudeau (2005) vê um caminho duplo na construção da imagem do sujeito que enuncia um discurso, em que o público tanto se apoia em informações preexistentes sobre o locutor como nas informações percebidas no ato retórico. O *ethos* é o resultado dessa dupla identidade: a identidade social, que lhe dá direito à palavra e estabelece sua legitimidade, em função do papel e da posição que lhe são atribuídos pela situação de comunicação, e a identidade discursiva, que constrói para si uma representação daquele que enuncia, de acordo com os papéis a que se atribui no ato de enunciação, que resultam das coerções da situação de comunicação.

É esse campo conjunto que cria uma concepção de sujeito que guia a comunicação social, posto que se faz como idealização do orador pelo público [auditório]. O sujeito não tem outra realidade além daquela permitida pelas representações que circulam nos grupos sociais, cuja visão sobre o corpo depende do que a sociedade constrói para si.

Na visão de Charaudeau (2005), o ato retórico do manifesto das ginastas alemãs apresenta como *identidade discursiva*, construída no discurso, o *ethos* de engajamento, exemplificado pela fala da ginasta entrevistada "*Nós, atletas de competição podemos nos apresentar dessa maneira e todos devem decidir o que querem vestir*", assim como os posicionamentos do jornalista: "*as atletas protagonizaram*"; "*como forma de protesto*" e "*posicionamento político*". Como *identidade social*, posição social reconhecida pelo auditório, observa-se o *ethos* de competência, já que as atletas da seleção olímpica são esportistas de alta performance, selecionadas entre as melhores do seu país, cuja vivência inclui treinamentos intensos para autossuperação. O jornalista, por sua vez, apresenta como identidade discursiva um *ethos* de engajamento, ao dar espaço às ginastas alemãs em seu texto, traz com os movimentos retóricos de citação direta suas presenças de modo positivo.

Conforme Ferreira (2019, p. 11), "a conformação da palavra em ato retórico requer demonstração de um saber prático e oportuno para revelar características ligadas ao ser ou parecer ser". O autor cita as virtudes enumeradas por Aristóteles na obra "Ética a Nicômaco", a *phrónesis* seria a sensatez, a sabedoria prática que permite a avaliação correta das

circunstâncias para a realização de uma ação virtuosa. Acrescenta Ferreira (2019, p.16) que a demonstração da *phrónesis* indica que o orador propõe raciocínios que podem construir realidades diferentes, reveladas pela crença em verdades engendradas pelo discurso. A *phrónesis*, que indica seriedade e sinceridade, pode ser observada na fala da ginasta Pauline Schafer ao dizer que "é muito importante que cada mulher use o que ela quiser", e nas palavras da atleta Sarah Voss, "reservamo-nos o direito de decidir, dependendo da situação, como nos sentimos confortáveis", em que ambas defendem a relevância de se ter liberdade nas vestimentas.

Sarah Voss mostra a virtude de *arethé*, que corresponde ao "grau de excelência no exercício de uma capacidade que um ser possui como próprio" (Ferreira, 2019, p. 16), no *ethos* de competência e experiência, quando diz que "nós, atletas de competição" no 7º parágrafo. Ser atleta olímpica significa estar no mais alto nível de performance em sua especialidade, o que traz credibilidade para a manifestação da equipe alemã.

A terceira virtude do *ethos* é a *eunoia*, relacionada à benevolência e à solidariedade, que pode ser identificada na declaração de Sarah Voss, no parágrafo 6º, "foi particularmente importante para nós dar o exemplo". O que foi reiterado quando o colunista acrescenta a fala de Sarah Voss, em entrevista à Agência Reuters, a qual declara que "*Para nós foi importante, acima de tudo, atingir as jovens atletas, porque, muitas vezes, elas não querem continuar no esporte durante a puberdade devido ao código da vestimenta*". Nas duas declarações, pode-se perceber o gesto solidário que pode mover o auditório pelo *ethos*. Vecchioli (2021), ao incluir as declarações em discurso direto, torna presente o ato de protesto, assimilando ao seu próprio ato retórico, o artigo de opinião, o *ethos* do ato retórico das ginastas alemãs.

A construção do *pathos*

O *pathos* é constituído na interlocução entre orador e auditório, por meio da imagem que fazem um do outro. De acordo com Ana Lúcia Magalhães (2020, p. 25), "as paixões são as respostas às representações que os outros concebem de nós". Dele fazem parte o princípio de alteridade, em que a consciência de si depende da percepção da existência do outro, e o princípio de influência, por meio do qual se dá o contato do sujeito enunciador com o outro por meio do universo do discurso. A escolha da Olimpíada como contexto para realização do ato retórico representa um espaço de legitimação para o discurso proferido pelas atletas alemãs como manifestação política contra as representações de feminilidade associadas às regras de vestimentas estabelecidas pelo Comitê Olímpico.

O auditório universal, segundo Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (2005), é um conceito central na obra Tratado da argumentação: a nova retórica. Ele não se refere a um público real e físico, mas a uma construção mental, idealizada pelo orador, que representa a totalidade da humanidade ou todos os seres racionais e competentes, e representa a

memória coletiva, o conjunto de saberes e experiências acumuladas ao longo da história. É a audiência imaginária para quem se constroem argumentos universalmente válidos e razoáveis, que transcenderiam preconceitos e contextos específicos. A memória coletiva molda identidade, valores e crenças, influenciando a forma como se interpreta o mundo.

No campo dos esportes olímpicos, discursos institucionais das federações e do Comitê Olímpico cristalizam códigos de vestimentas que determinam como os corpos das mulheres atletas são expostos ao público. A exposição das atletas em discursos de sexualização constitui uma memória coletiva de que a mulher deve se apresentar com elementos que revelem sua feminilidade, como marca de afirmação de sua condição, acentuando estereótipos de feminilidade às representações das atletas na mídia. No artigo analisado, o auditório universal corresponde aos leitores do site UOL, que são o público das Olimpíadas. Ao se dirigir ao auditório, o orador quer despertar a paixão da compaixão, com a pressuposição de que o auditório não tem consciência da disseminação de estereótipos de feminilidade como construção coletiva cristalizada.

Já o auditório particular está ligado à memória individual de cada ser humano, formada por suas experiências pessoais. Essa memória é dinâmica e se transforma constantemente, à medida que novos eventos e experiências são incorporados, ela pode se modificar ou completar. As jovens atletas que querem desistir do esporte por causa do código de vestimentas são o auditório particular a quem as declarações das ginastas são direcionadas, revelando as paixões da amizade e projetando a paixão da emulação. Tanto as atletas jovens como as experientes sentem vergonha da exposição do corpo e ódio pela reprodução do estereótipo de feminilidade, que as aprisiona em uniformes muitas vezes desconfortáveis e que revelam partes vulneráveis de seus corpos. Ainda mais que esses contornos são dados em relações impostas por patrocinadores e veículos de comunicação, que barganham financiamento e exposição, elementos inseparáveis que perpetuam o ciclo de exploração da sexualização nos esportes.

Considerações finais

O mercado de esporte e as mídias seguem valorizando as atletas que possuem corpos com atributos considerados “femininos”, pois há mais chances de serem validados por entidades esportivas, tornando-se objeto de verbas de patrocinadores, participação em anúncios publicitários, reportagens e capas de revista, espaços nas mídias digitais, perfis de redes sociais e acompanhamento e aprovação do público. A formatação da mídia como produtora de entretenimento, mais do que de informação, enfatiza a produção de um corpo ideal feminino em oposição à valorização das esportistas com corpos livremente desenvolvidos em função das diversas modalidades esportivas.

No entanto, o jornalismo pode ser também um agente de opinião pública que tensiona

estereótipos ao dar espaço para que as subjetividades das atletas se expressem em sua pluralidade, como o artigo de opinião de Demétrio Vecchioli (2021), contribuindo para despertar no auditório a *eunoia*, paixão relacionada à benevolência e à solidariedade, e a paixão da compaixão, com a pressuposição de que o auditório, em sua maior parte, tem dificuldades para se conscientizar da disseminação de estereótipos de feminilidade como construção coletiva cristalizada pelos veículos midiáticos.

Em seu estudo, Maia e Fernandes (2024) mostraram a importância de que os discursos midiáticos possam trazer a perspectiva crítica associada às práticas sociais que sexualizam as mulheres. Em essência, a defesa da *eudaimonia* das atletas, que na retórica aristotélica fundamenta a persuasão em um bem-estar superior, se manifesta concretamente como um ato responsável na perspectiva bakhtiniana. A decisão de incorporar a fala das ginastas demonstra que a busca pelo bem-estar e liberdade delas não é apenas um argumento, mas um compromisso ético do articulista com as vozes dos outros. Acrescentamos a essas reflexões a expectativa de que jornalistas possam, em suas análises de opinião, as ações de resistência das mulheres como forma de trazer perspectivas históricas e redirecionar representações simbólicas das atletas para os auditórios. Assim, interpretar e compreender os fatos em seus processos históricos podem ser movimentos do auditório para rever crenças e paixões que os levem a outros posicionamentos sobre a sexualização da mulher no esporte.

Referências

- AMOSSY, R. Enunciação e *ethos* na semântica pragmática de Ducrot. In: AMOSSY, R. **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. São Paulo: Contexto, 2016. p. 14-15.
- ANDRADE, E. México 1968: o massacre de Tlatelolco e a Universidade Latino-Americana. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**, n. 0, 1981.
- ARISTÓTELES. **Retórica das Paixões**. Trad. Isis Borges B. da Fonseca. Prefácio de Michel Meyer. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2017.
- BACKES, J. Mídia e os protestos contra a sexualização nas Olimpíadas 2020. **Fiep Bulletin online**. São Paulo. v. 93, n. 1, p. 778-786, 2023.
- BATAILLE, G. O erotismo. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1957 [2014], p. 168.
- BAKHTIN, M. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010b [1959-61]. p. 307-336.
- BERTUSSI, G.; NETO, E. Do que é feito um país campeão: análise empírica de determinantes

para o sucesso olímpico. **Nova economia**, Revista do Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, n. 25, 2015.

BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. 2. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2005. p. 87-98.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 153-172.

CAMPBELL, K.; HUXMAN, S.; BURKHOLDER, T. **Atos de retórica**. São Paulo: Cengage Learning, 2022.

CAPINUSSU, J. M. A política nos jogos olímpicos. **Revista de Educação Física**. Rio de Janeiro, n. 136, p. 58-64, 2007.

CHARAUDEAU, P. **Pathos e discurso político**. São Paulo: Contexto, 2010.

FERREIRA, L. A. Inteligência retórica e vocalidade: constituição e manutenção do ethos, In: FERREIRA, L. A. (org.). **Inteligência retórica: o ethos**. São Paulo: Blucher, 2019. p. 9-18.

FERREIRA, L. A. Sobre o prazer e a dor de ser: efeitos patéticos no discurso epidítico. In: FERREIRA, L. A. (org.). **Inteligência retórica: o pathos**. São Paulo: Blucher, 2020. p. 103-119.

FIGUEIREDO, M. F.; SANTOS JUNIOR, V. Uma incursão ao pathos: o método aristotélico e descrição das paixões. In: FERREIRA, L. A. (org.). **Inteligência retórica: o pathos**. São Paulo: Blucher, 2020. p. 65-88.

FORNARI, L. *et al.* Mulheres atletas nas Olimpíadas de Tóquio 2020: olhares da imprensa escrita brasileira. **Comunicação & Inovação**, v. 25, n. 53, p. 109-126, 2022.

GOELLNER, S. Jogos olímpicos: a generificação de corpos dissonantes. **Revista USP**, São Paulo, n. 108, p. 29-38, 2016.

GREGOLIN, M.R. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação e Mídia**. São Paulo: ESPM, 2007.

GUTIERREZ, F. Protesto nas Olimpíadas: Jogos de Tóquio devem ter manifestações políticas. **G1**. jul 2021.

HARDY, E. The female ‘apologetic’ behaviour within Canadian women's rugby: athlete perceptions and media influence. **Sports in society**, 2015, v. 18, p.155-167.

KULLER, A. Por que as campeãs olímpicas do vôlei de praia não usam biquíni. **Terra**, 10 ago. 2024.

MAGALHÃES, A. L. Pathos: uma compreensão dos paralelismos e das interseções. In: FERREIRA, L. A. (org.). **Inteligência retórica: o pathos**. São Paulo: Blucher, 2020. p. 7-29.

MAIA, G.; FERNANDES, C. História, memória e atualidade: ecos sobre o corpo da mulher no esporte. **Revista Línguas e Letras**, v. 24, p. 211-232, 2023.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTEKA, L. **Tratado de argumentação: a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SANTOS, D.; CAETANO, C. Manifestações políticas de atletas no palco dos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020: cidadania vs mitologização. Fórum de Estudos Olímpicos e III Simpósio Latino-Americano Pierre De Coubertin, out. 2021, p. 85. **Anais [...]** Porto Alegre: PUC-RS, 2021.

SANTOS, T.; MATTOS, G.; LOPES, F.; MARCELO, M. Gênero feminino, corpo e sexualidade no esporte: os uniformes das atletas nas Olimpíadas de Tóquio. **Mídia e Cotidiano**, v. 18, n. 1, jan.-abr. 2024.

SPORTSM. Do recato à erotização de corpos femininos. **SportsM**, out. 2024. Disponível em: <https://www.sportsm.com.br/post/do-recato-%C3%A0-erotiza%C3%A7%C3%A3o-superexposi%C3%A7%C3%A3o-de-corpos-femininos-continua-a-ser-motivo-de-pol%C3%AAmica>. Acesso em: 28 nov. 2025.

TRINGALI, Dante. **A Retórica Antiga e as Outras Retóricas**: a retórica como crítica literária. São Paulo: Musa, 2014.

UOL. **COI abre espaço para ativismo social e político de atletas**. 20 jul 2021 Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/olimpiadas/ultimas-noticias/afp/2021/07/20/coi-abre-espaco-para-ativismo-social-e-politico-dos-atletas.htm>. Acesso em: 28 nov. 2025.

URZAIZ, B. Sexualização ou empoderamento? A patrulha de como as atletas se vestem volta aos Jogos Olímpicos. **El país**. 25 jul. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/jogos-olimpicos/2021-07-25/a-desculpa-feminina-nos-jogos-olimpicos>. Acesso em: 28 nov. 2025.

VECCHIOLI, D. Contra sexualização, ginastas quebram tabu. **UOL**, 22 jul 2021 Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/olimpiadas/ultimas-noticias/2021/07/22/contrasexualiza>. Acesso em: 28 nov. 2025.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

WUGHALTER, E. Ruffles and flounces: the apologetic in women's sports. **Frontiers: A Journal of Women Studies**, v. 3, n. 1, p. 11-13, 1978.

XAVIER, G. Tóquio ampliou o debate político nas Olimpíadas. **Carta Capital**, 2 ago. 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/toquio-ampliou-o-debate-politico>. Acesso em: 28 nov. 2025.

Sobre os autores

Maria Isabel Fernandes Bezerra

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8553-6773>

Bacharel e licenciada em Letras-Linguística (USP), mestre em Linguística Aplicada (PUC-SP/Capes), doutoranda em Língua Portuguesa (PUC-SP/Capes), na linha de pesquisa *Texto e Discurso*, com investigação sobre o jornalismo de opinião durante o movimento *#ForaCunha* na perspectiva da análise do discurso. Tem interesse nas áreas da Análise do Discurso, Retórica, Argumentação, Dialogismo, Livro didático. Professora de redação e literatura na Educação Básica em escolas particulares desde 2000, com atuação nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio e na Educação de Jovens e Adultos.

Silvia Augusta de Barros Albert

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1237-8399>

Doutora e Mestre em Língua Portuguesa (PUC-SP), na linha de pesquisa *Leitura, Escrita e Ensino de Língua Portuguesa*, com pesquisa voltada para os processos sociocognitivo e textuais subjacentes à produção escrita. Possui experiência docente de 16 anos na Educação Básica, sobretudo nos Anos Finais do Fundamental, de 12 anos no Ensino Superior em Educação a Distância (EaD), atuando nesse período também em Pós-Graduação *Lato Sensu* (Cogeae-PUC-SP) e no Programa de Linguística em Pós-Graduação *Stricto Sensu*, na Universidade Cruzeiro do Sul.

Recebido em mai. de 2025.

Aprovado em ago. de 2025.